

NO CONTEXTO DAS TRIBOS*

Juliana Tonin **

Resumo: O presente artigo pretende verificar como a exposição midiática da cultura popular capoeira influenciou seu branqueamento e adesão de pessoas dos mais diversos níveis sociais, permitindo uma vivência grupal adequada aos preceitos pós-modernos que sublinham uma sociedade tribal.

Palavras-chave: Capoeira; Pós-modernidade; Tribalismo.

Abstract: This paper intends to verify how the representation in the media of the popular fight “capoeira” may have influenced its acceptance by the white culture and its practice by people of all social classes, causing its integration in the present post-modern tribal society.

Key-words: “Capoeira”; Post-modernism; Tribalism.

INTRODUÇÃO

Elucidar as características da pós-modernidade permite entender a realidade social e os fenômenos que se constroem todos os dias na vida cotidiana dos indivíduos. A compreensão das mudanças sociais remete a um novo modo de existir e se relacionar baseado em valores coletivos, e não mais individualista. As pessoas valorizam os sentimentos de pertença, a busca do prazer, do estar-junto à toa, formando grupos que possibilitem a vivência desses preceitos.

Um olhar atento a um determinado grupo contribui para o desvelamento deste ideal comunitário. A proposição deste artigo é verificar os conceitos pós-modernos dentro da tribo

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil.

** Mestranda em Comunicação Social pelo PPGCOM da PUCRS.

dos capoeiristas e detectar a abertura social da mesma na cidade de Porto Alegre através da exposição midiática.

Preende-se estabelecer uma ligação entre a veiculação da capoeira como prática de Educação Física no colégio Múltipla Escolha do programa Malhação (apresentado na Rede Globo) no ano de 2001 e a incorporação desta atividade pelos colégios Farroupilha, Anchieta e Champagnat, utilizando os postulados da hipótese do *Agenda Setting*.

Com os valores individualistas da modernidade saturados, valores alternativos estão surgindo na análise dos fenômenos sociais em nossos dias: a constatação do tribalismo e a estetização da existência.

Essas verificações de Maffesoli (1995) remetem para o fim de um ideal democrático (republicano) e passagem para um ideal comunitário (tribal). Esse nascimento do tribalismo é, na verdade, um renascimento, já que retorna a valores arcaicos que outrora foram apagados pela racionalização da modernidade: são exemplos os diversos fanatismos religiosos, as ressurgências étnicas, as reivindicações lingüísticas, os apegos aos territórios, as efervescências esportivas, musicais, festivas e consumistas. Há também várias formas de generosidade e solidariedade, como as causas humanitárias, as ONGs.

Pode-se dizer que a civilização moderna, individualista, utilitária e calcada sobre valores econômicos, está em vias de ser substituída por uma nova cultura, onde paira o sentido do supérfluo, do inútil, a busca do qualitativo, tudo em comum. A vida sem qualidade, por meio de suas situações aparentemente sem significação, transforma-se em uma perpétua criação, mesmo sem se projetar um ideal para o porvir, sendo vivida no presente, em um lugar compartilhado por todos.

O estilo nada mais é do que aquilo pelo que uma época se define, pode ser vista conforme Maffesoli (1995), antes de tudo, pelo fato de só existir no e pelo olhar ou palavra do outro. O homem só o é quando está enraizado num meio que lhe dá valor. Por meio do estilo, cada indivíduo cristaliza toda uma época. As figuras, por causa da mídia, são sentidas como tais em tempo real: estrelas musicais, esportivas, dessa forma, cristalizam-se no gênio coletivo, por algum tempo e, assim, constituem microcomunidades.

As sociedades, depois de serem submetidas às leis do produtivismo estariam redescobrimo os encantos da distensão, da relativização do ativismo dos séculos passados. Admitindo-se essa tal hipótese, não é de espantar a retomada do imaginário.

O imaginário opõe-se ao real, na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente [...]. É uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau) [...]. O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real, que realizam o imaginado, leituras da vida, através de um mecanismo individual; grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir, e de aspirar ao estar no mundo (Silva, 2003, p. 9).

Para Maffesoli (1995), o imaginário vai criar as mitologias que irão servir de liame social. Com elas as sociedades recuperam uma parte de si mesmas, que a modernidade havia negado, em sua racionalidade.

Porém, essa transmutação de valores não é súbita. A mitologia vai sendo elaborada por sucessivas sedimentações e, assim, aos poucos, formando o estilo. Gilbert Durand cria uma

metáfora para exemplificar o caso, a da bacia semântica: à imagem do processo hidrográfico, uma ideologia se constitui progressivamente, por uma grande quantidade de pequenos arroios que darão origem a um rio, o qual posteriormente receberá um nome, será canalizado e por fim se perderá no mar.

Por essa transmutação de valores, outrem não é mais alguém de quem me utilizo para construir uma sociedade futura. É aquele que toco, com quem faço algo que toca a mim. O não fazer criador conforta um estar-junto que se basta a si mesmo. O mundo não precisa mais se aperfeiçoar. Os ambientes naturais e sociais são aceitos como são e o que vale é estabelecer-se neles e tentar, de uma maneira ecológica, tirar-lhe o máximo de proveito.

A socialidade da pós-modernidade estabelece um tipo de relação táctil: na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam (Maffesoli, 1998). Deus, o Espírito, o indivíduo cedem lugar ao reagrupamento. O solidarismo ou a religião da humanidade podem servir de pano de fundo para os fenômenos grupais com os quais se é confrontado nos tempos que correm.

A efervescência do tribalismo recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com o presente vivido, esclarece Maffesoli (1998). A materialidade do estar-junto é o vaivém massa-tribo onde, ao invés de um sujeito-ator, tem-se um encaixe de objetos.

M. Scheler, em sua teoria da identificação da simpatia citada por Maffesoli (1998), permite explicar situações de fusão, momentos de êxtase que podem ser pontuais, uma saída extática de si congruente com o desenvolvimento da imagem, com o desenvolvimento do espetáculo e com o desenvolvimento das multidões esportivas, turísticas, etc. A gradação efetiva entre fusão, reprodução e participação é uma tendência dionisíaca dessa nebulosa afetual. O tribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão.

De maneira quase animal sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam num grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância. É este o arabesco da socialidade (Maffesoli, 1998, p. 107).

É sempre em relação ao grupo que se vai determinar a vida social. O estar-junto consiste na espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e solidez específicas. Estar-junto à toa pode servir de pano de fundo, de elemento revelador para os novos modos de vida que renascem sob os olhos. Nova rodada do jogo que diz respeito à economia sexual, à relação com o trabalho, à repetição da palavra, ao tempo livre, à solidariedade nos reagrupamentos de base (Maffesoli, 1998, p. 115).

Nesse contexto pós-moderno de reencantamento do mundo temos a formação de determinados grupos que tendem a restaurar, estruturalmente, a eficácia simbólica. E, pouco a pouco, vemos a constituição de uma rede mística, com fios mais sólidos, que permite falar do ressurgimento do cultural na vida social (Maffesoli, 1998, p. 117).

Esses grupos se formam pelo princípio da coletividade, do prazer e, como exemplo disso, tem-se o grupo de capoeiristas que se espalham cada vez mais nos espaços nunca antes imaginados devido ao seu histórico por muito tempo marcado pela exclusão e discriminação.

A capoeira teve origem, basicamente, nos chamados grupos minoritários, ou seja, pessoas pertencentes a classes sociais desprovidas de poderes políticos e econômicos capazes de promoverem efetivas mudanças ao velho padrão social mantenedor do *statu quo*. Não são minoritárias em relação à quantidade, mas, sim, em relação a sua condição marginal na sociedade. A criatividade, porém, se torna aliada no dia-a-dia deste povo, pois precisa inventar, remodelar, recriar novas formas de sobrevivência e subsistência para sua manutenção pessoal e coletiva. Daí surgem as mais interessantes formas de cultura.

Com a necessidade de liberdade, de alívio da opressão sofrida, os negros africanos no Brasil alojados, misturando hábitos, costumes e tradições de diversas tribos, criaram a capoeira nas senzalas. Seus objetivos de libertação geraram uma estratégia de defesa que não poderia prever o surgimento de uma complexa rede de significados que hoje é patrimônio cultural riquíssimo: mostra o passado, a origem, a realidade de muitas pessoas e é uma grande referência de movimento social.

A capoeira, principalmente na época da escravidão, sempre foi considerada perigosa, pois incita a libertação do povo escravo através deste então denominado exército bélico negro. Uma imagem tão negativa, discriminatória, agregou-se no inconsciente coletivo e por muito tempo foi considerada prática de vagabundos, marginais e desordeiros.

Conforme Silva (1993), Proclamada a Independência do Brasil, os nacionalistas mais acirrados pretendiam que a nação se desligasse de outros laços, que ainda a prendiam à antiga metrópole. Não era preciso somente uma constituição, mas uma nacionalização da Educação, a diminuição do analfabetismo e melhoria nas condições culturais do povo.

Em 1907, surge a primeira tentativa de instituição de uma ginástica brasileira, com o Guia da Capoeira ou Ginástica Nacional, cujo autor se oculta sob as iniciais de O.D.C. Mesmo sem relatos precisos, diz-se que O.D.C era um oficial do Exército, que julgou prudente não revelar o nome, pelos preconceitos que então existiam contra a capoeiragem.

Aníbal Burlamaqui, em 1928, publica o opúsculo Ginástica Nacional – (Capoeiragem Metodizada e Regrada), trabalho superior ao escrito em 1907. A preocupação era fazer ressurgir a capoeiragem e luta, para que fosse considerada um método nacional de ginástica.

Somente em 1932, no Engenho Velho de Brotas, Manuel dos Reis Machado (o Mestre Bimba) cria a primeira academia de capoeira, conseguindo em 1937, pela Secretaria da Educação, um registro oficial que qualificava seu curso de capoeira como Curso de Educação Física.

Em 1961, a capoeira, sob forma de desporto, foi introduzida no currículo de ensino da Polícia Militar do Estado de Guanabara. Em 1972 foi homologada pelo Ministério da Educação e Cultura como modalidade desportiva. A partir daí, passa a capoeira a tomar outro rumo, marcha para seu aproveitamento cultural e começa a decrescer a repressão sobre ela.

Como esporte, a capoeira teve seu primeiro campeonato brasileiro de luta individual no ano de 1975, em São Paulo. A primeira Federação Estadual de capoeira foi fundada em 14 de julho de 1974 em São Paulo e a segunda em 1984, no estado do Rio de Janeiro.

Silva (1993) aponta que, como manifestação folclórica, apresentada por conjuntos, grupos de dança e outros, a capoeira é muito conhecida em outros países, mas como competição, teve sua primeira participação em 1982, nos Estados Unidos, nas cidades de São Francisco e Nova Iorque. Posteriormente outra participação esportiva internacional de capoeira

realizou-se em São Paulo, envolvendo a seleção universitária paulista e atletas universitários de Stanford, Califórnia.

É a partir de 1995 que a capoeira é incluída no currículo de várias escolas de Educação Física do Brasil, tendo o Ministério da Educação como líder do Programa Nacional de Capoeira, que pretende introduzi-la nas escolas de 1º e 2º graus.

Se a capoeira, a Arte Marcial Brasileira, nascida e criada com os mesmos objetivos de outras Artes Marciais, ultrapassou o tempo da luta pela liberdade, ultrapassou, mais ainda, o tempo dos capoeiristas assalariados e marginais, frutos da política e da sociedade de uma época remota, resta-nos atualmente a responsabilidade, a obrigação e o dever de não mais encará-la como marginalização, como crime. Incriminemos, sim, todas as pessoas dos vários segmentos da sociedade que dela se utilizam para fins inconfessáveis, pois são elas que estragam, enegrecem e encobrem seus verdadeiros objetivos de socialização, saúde, educação e integração da mente e do corpo (Silva, 1993, p. 25).

É neste contexto que se encontra agora uma nova realidade: milhares de academias de ginástica ensinam esta arte, muitas escolas introduziram a capoeira como opção nas aulas de Educação Física, as bancas de revistas mostram em suas vitrines mais de uma opção para leitura sobre o tema, programas de rádios específicos sobre a luta existem com ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo e em todo o Brasil pode-se ligar a TV e ver a capoeira em telenovelas, seriados, comerciais, programas de entretenimento e muitos outros.

A capoeira sempre encontrou espaços em classes menos favorecidas, sendo ensinada em vilas e apresentada em parques, ao ar livre, exigindo trabalho comunitário por parte dos professores para difundir a luta. Entretanto, com o projeto da capoeira de expandir seus horizontes de ensino somado à midiaticização, observa-se um fenômeno novo em Porto Alegre. Escolas de 1º e 2º grau de classe A (como o Colégio Farroupilha, o Anchieta e o Champagnat) introduziram a capoeira como prática de Educação Física a partir de 2002. Verifica-se que, em 2001, a Rede Globo apresentou no programa *Malhação* (exibido de segunda à sexta, às 17h30min) a capoeira como prática de Educação Física dos alunos da escola *Múltipla Escolha* (escola freqüentada pelos alunos do programa). Os alunos mostrados neste programa eram pessoas com famílias com elevado poder aquisitivo e o professor de capoeira era um rapaz responsável, branco, loiro e de olhos azuis. Uma visão diferente daquilo que se mostrava sobre capoeira na TV e nas ruas e da idéia estereotipada sobre a imagem dos capoeiristas.

A tribo dos capoeiristas permite agora o livre trânsito de qualquer indivíduo, aspecto reforçado pela mídia e principalmente pela democratização dos espaços onde a busca pelo estar-junto à toa, pelo prazer, se tornam mais fortes do que qualquer aspecto racional de analisar o passado e o futuro como fatores decisivos na escolha de qualquer prática. O que está em jogo é a participação no grupo, privilegiando uma atividade essencialmente coletiva em busca de prazer e de bela forma física.

A abertura social da capoeira, a não restrição a uma cultura fundamentalmente popular ou de elite, mas à prática de qualquer um pode ser verificada na constatação temporal obtida em Porto Alegre através da inclusão da mesma em escolas de classe A. Crianças e adolescentes da Restinga fazem parte do mesmo grupo de capoeira das crianças do Bela Vista, por exemplo. O fato de a mídia exibir um programa onde a elitização da capoeira estava presente e as escolas abastadas de Porto Alegre inserirem em seus programas de ensino tal prática quase ao mesmo tempo adquire força e pode estar vinculado ou tentar ser explicitado através da hipótese do

agendamento, ou *Agenda Setting*. Ela permite elucidar os efeitos dos meios de comunicação de massa por um lado e a forma como eles constroem a imagem da realidade social pelo outro.

A hipótese do agendamento defende que:

[...] em conseqüência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (Shaw, 1979, p. 96 apud Wolf, 1999, p. 144).

As comunicações não intervêm diretamente no comportamento das pessoas, mas influenciam de certa forma a imagem de mundo que elas possuem. Os efeitos são cumulativos, segmentados no tempo através do efeito cognitivo sobre os sistemas de conhecimento do indivíduo.

Conforme Wolf (1999), a influência dos meios de comunicação de massa é admitida sem discussão, na medida em que ajudam a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas.

Há três características dos *mass media* que são importantes (Noelle Neumann, 1973 apud Wolf, 1999):

1) Acumulação: capacidade dos *mass media* de criar e manter a relevância de um tema, ser o resultado global do modo como funciona a cobertura informativa no sistema de comunicações de massa;

2) Consonância: as semelhanças nos processos produtivos de comunicação são mais significativos que a diferença, conduzindo a mensagens mais semelhantes do que dissemelhantes;

3) Omnipresença: não é só a difusão quantitativa dos *mass media*, mas também o fato de o saber público - conjunto de conhecimentos, opiniões, atitudes, difundidos pela comunicação de massa - ter um caráter particular: é conhecimento público que esse saber é publicamente conhecido.

Isso reforça a disponibilidade para a expressão e para a evidência dos pontos de vista difundidos pelos *mass media*, e daí o poder que essa evidência tem sobre aqueles que não formaram ainda uma opinião própria. O resultado final é que, muitas vezes, a repartição efectiva da opinião pública se regula pela opinião reproduzida pelos *mass media* e se adapta a ela, segundo um esquema de conjecturas que se autoverificam (Wolf, 1999, p. 144).

Persuasão não é o objetivo dos meios de comunicação de massa, o que se apresenta são opiniões e discussões que devem ser contraídas a partir da veiculação da realidade exterior. Wolf (1999) esclarece que, nas sociedades industriais de capitalismo desenvolvido em virtude da pluralidade e complexidade social juntamente com o lugar central ocupado pelos meios de comunicação de massa, aumentaram as partes da realidade em que o indivíduo não participa diretamente nem interage em sua vida cotidiana, cabendo à comunicação de massa realizar a mediação simbólica. Isso permite que as pessoas vivam certas coisas em função ou através dessas mediações.

A crescente dependência cognitiva aos *mass media* permite ao *Agenda Setting* tomar como postulado um impacto direto - mesmo que não imediato - sobre os destinatários. Este postulado se configura segundo dois níveis:

- 1) a ordem do dia dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media*;
- 2) a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia.

A forma de hierarquizar os acontecimentos por parte do sujeito assemelha-se à forma de avaliação desses temas pelos *mass media*, isto sendo entendido em um longo período de tempo, como um processo cumulativo.

Os meios de comunicação de massa são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando.

[...] essa imagem- que é simplesmente uma metáfora que representa a totalidade da informação sobre o mundo que cada indivíduo tratou – organizou e acumulou – pode ser pensada como um *standard* em relação ao qual a nova informação é confrontada para lhe conferir o seu significado. Esse *standard* inclui o quadro de referência e as necessidades, crenças e expectativas que influenciam aquilo que o destinatário retira de uma situação comunicativa. Neste quadro, por conseguinte, a formação da agenda do público vem a ser o resultado de algo muito mais complexo do que a 'mera' estruturação de uma ordem do dia de temas e problemas por parte dos *mass media* (Wolf, 1999, p. 153).

Quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm com um determinado tema, mais essa experiência dependerá da mídia para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área.

A tematização é a ligação existente entre os critérios de relevância aplicados pelos mídia, o limiar de evidência dos temas e os efeitos de agenda articulados de modo diferente como resultado da ligação entre os dois primeiros fatores. Wolf (1999) constata que tematizar um problema significa colocá-lo na ordem do dia de atenção do público, dar-lhe o relevo adequado, salientar a sua centralidade e o seu significado em relação ao fluxo de informação não-tematizada.

Podem distinguir-se três tipos de agendas do público:

- 1) a agenda intrapessoal: corresponde àquilo que o indivíduo considera importante. Varia de acordo com as prioridades e importâncias individuais;
- 2) a agenda interpessoal (realce comunitário): temas sobre os quais os indivíduos falam ou discutem entre si. Situa-se dentro de uma rede de relações e de comunicação interpessoal.
- 3) percepção que um sujeito tem do estado da opinião pública: importância que o indivíduo pensa que os outros atribuem ao tema, corresponde a um clima de opinião.

Quanto ao efeito da agenda chega-se a outra tripartição:

- 1) modelo do conhecimento: refere-se à presença ou à ausência de um tema na agenda do público;
- 2) modelo de realce: refere-se à presença de alguns temas, permitindo relações entre suas importâncias;
- 3) modelo das prioridades: é a hierarquia estabelecida pelos indivíduos e o confronto com a atenção que os mídia dão a esses temas hierarquizados.

Hohlfeldt (1994) aborda que, sendo o agendamento uma hipótese que se constrói em uma seqüência temporal, há uma correlação entre a agenda da mídia e o receptor, mas que a agenda do receptor pode acabar influenciando a agenda da mídia, além de promover um interagendamento entre as próprias mídias.

Wolf (1999) evidencia que a construção de uma agenda é um processo coletivo, em que o sujeito possui certa reciprocidade. Dentro das fases desta construção destacam-se a focalização, onde os *mass media* dão um relevo a um acontecimento, uma ação, uma personalidade, e ele passa para o primeiro plano. No *framing*, o objeto focalizado pela mídia deve ser enquadrado e interpretado à luz de qualquer tipo de problema que simboliza. Na terceira fase estabelece-se uma ligação entre o objeto ou acontecimento e um sistema simbólico, de forma que o objeto se torna parte de um panorama social e político reconhecido. Por último, o tema adquire peso, personificando-se em indivíduos que dele se constituem porta vozes.

Estabelecer uma relação entre o estímulo fornecido pelo programa Malhação e a resposta visualizada nas três escolas citadas anteriormente é uma tarefa arriscada e certamente não ultrapassa as definições de hipótese. A utilização do *Agenda Setting* como base para desvelar esta suposição pode levar a diversas análises:

a) o projeto da capoeira a partir de 1995 era estar presente nas escolas de 1º e 2º graus. A mídia apropriou-se desta agenda, e as escolas podem ter sido agendadas por esta mídia. Neste caso, o público agenda a mídia que agenda o público;

b) as crianças e adolescentes podem ter observado a capoeira exibida no Malhação e solicitado aos seus professores a mesma prática. Aqui a mídia agenda o público;

c) observando a entrada da capoeira nas escolas, o programa decidiu espelhar esta tendência. Isto evidencia o público agendando a mídia.

Enfim, inúmeras poderão ser as avaliações e, para que elas se construam, é fundamental um estudo de caso detalhado, uma aproximação aos objetos referidos, o que pode consolidar um projeto de pesquisa. A pretensão aqui não é buscar respostas, apenas detectar um fato que pode ser relacionado e estudado.

O fator importante é que uma nova realidade consolidou-se ao longo dos anos para a capoeira. Verificar esta mudança, esta democratização, este desaparego aos valores negativos que ela carregava durante muito tempo reflete características sociais de indivíduos que se deixam mover pela emoção, partilham seu tempo com outros em busca do prazer. A pós-modernidade desnuda esse tribalismo, um novo modo de viver e se relacionar que se basta a si mesmo.

CONCLUSÕES

A capoeira livrou-se de sua trajetória marcada pela exclusão e discriminação para ser mais uma opção dentro de todas as possibilidades de adesão em grupos às quais os sujeitos têm acesso atualmente. O indivíduo identifica-se com a tribo e pode inserir-se nela facilmente, pois sua oferta consolida-se em todos os espaços. Os capoeiristas trocam seus princípios heróicos de libertação por princípios onde o simples fato de estarem juntos é a causa e a conseqüência é a busca do prazer. A capoeira se utiliza e é utilizada dos preceitos da pós-modernidade, desnudando um tribalismo, um novo modo de viver e se relacionar que se basta a si mesmo.

Examinando o levantamento teórico exposto, fica claro que existem subsídios para a consolidação de uma pesquisa relacionando a hipótese do *Agenda Setting* à exibição da capoeira pelo programa Malhação e adoção da mesma nas escolas Farroupilha, Anchieta e Champagnat de Porto Alegre. Um estudo detalhado, um desvelamento das intenções do programa, das escolas citadas e dos próprios alunos poderia levar ao descobrimento de muitos fatores que, com certeza, ultrapassariam as superficiais tentativas de entender quem influencia quem neste contexto.

As conseqüências da tematização da capoeira em Porto Alegre esclarecem uma mudança na participação social da mesma. Não se questiona sua origem, não se aborda inúmeras tentativas de branqueamento desta arte, desaparece a discriminação, exclui-se o conteúdo em prol da simples prática do esporte. Acabam as restrições, evidencia-se a coletividade. É a pós-modernidade realizando a profilaxia da capoeira a favor do presenteísmo entregue às vivências emocionais, e não às percepções racionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOHLFELDT, Antônio. Os estudos sobre a hipótese do agendamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, nov. 1994.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira**: do engenho à universidade. São Paulo: O autor, 1993.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

